



OS NAVA, DO MARANHÃO, PELO MAIOR DOS SEUS

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar.

.....
 Na linha varonil da minha família paterna essa guarda de tradições foi suspensa devido à sucessão de três gerações de morredores! A de meu Pai, que desapareceu aos 35 anos. A do seu pai, falecido aos 37. Meu bisavô, não sei com que idade morreu. Certo, decerto, pois meu avô foi criado de menino por uma de suas avós ou tias-avós. É assim que cada uma dessas gerações ficou sabendo pouco das anteriores e não teve tempo de transmitir esse pouco às sucedentes. Por essa razão, também quase nada sei de meu avô paterno. O que se transmitiu até meu Pai e suas irmãs é que sua origem era italiana e que vinha de um certo Francisco Nava, que teria aportado ao Brasil no fim do Século XVIII ou princípio do XIX. Ignora-se seu nível social, as razões por que veio da Itália e que ponto do Brasil ele viu primeiro do paravante de seu veleiro. Onde desembarcou, onde se fixou, que ofício adotou? - tudo mistério. Como era, quem era, que era? Seria um revolucionário, um maçom, um liberal, um carbonário, um fugitivo? Onde e com quem casou? Nada se sabe. Dele só ficou o apelido. Essa coisa mística, evocativa, mágica e memorativa que o tira do nada porque ele era Francisco de seu nome; essa coisa ritual, associativa, gregária, racial e cultural que o envolta porque ele era Nava de seu sobrenome. O nomeado, porque o é, existe. Servo do Senhor, pôde-se pedir por ele na missa dos mortos.

Da geração seguinte ficou alguma lembrança do filho de Francisco, Fernando Antônio Nava, natural do Maranhão, pois é ali que nasceram, de seu casamento com D. Rainunda Antônia da Silva, não sei bem em que ordem, meu avô Pedro da Silva Nava e suas irmãs Maria Nava Rodrigues, Ana Nava Rodrigues e Paula Nava Guimarães. Das duas primeiras (cujos maridos, ambos Rodrigues, não se conheciam parentesco), descedem os Nava Rodrigues do Maranhão, alguns dos quais deixaram o Rodrigues para conservar só o sobrenome que lhes veio do emigrante. Não ficou no nosso ramo notícia da descendência de Paula Nava Guimarães. Dela se sabe apenas o que se pode adivinhar da modéstia, do sacrifício e da utilidade da vida de uma mestra primária - que era esta sua profissão em Caxias.

Pedro da Silva Nava, meu avô, nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de São Luiz do Maranhão, a 19 de outubro de 1843, e foi batizado a 7 de setembro de 1844 na sua Matriz, pelo Reverendo Raimundo Alves dos Santos, tendo como padrinho João Joaquim Lopes de Sousa e como madrinha D. Maria Euqueria Nava. Sua avó, mulher do italiano Francisco? Sua tia? Em todo caso, pessoa que deve ter marcado o espírito de meu avô, que não tendo repetido nos filhos o paterno Fernando Antônio, nem nas filhas o materno Rainunda Antônia, retomou, para sua caçula, o estranho nome da madrinha e da poetisa menor do 5º século.

.....
 Do tataravô Francisco ficaram o nome, a nacionalidade e o ponto de partida para a hipótese genealógica. Do bisavô Fernando, o que se pode tirar da certidão de batismo de meu avô. Esse documento dá a seu pai uma esposa - Dona Rainunda Antônia da Silva; um local de residência - a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de São Luiz do Maranhão; uma configuração religiosa - a de católico, apostólico, romano; um sentimento nacional e uma admiração política. De fato, num tempo em que o batismo vinha logo depois do nascimento, meu avô esperou quase um ano para receber os santos óleos e ser chamado Pedro num dia 7 de setembro. E o Pedro, patrono do catecúmeno, não seria o nosso segundo monarca, que à época ainda não dissera muito ao que tinha vindo, mas, certamente, o primeiro (homenagem ao Príncipe da Independência e demonstração de antagonismo - velho de duas décadas - às truculentas juntas provisórias do Norte e ao odioso Sargento-Mor Fidié). Mostra ainda espírito de família e compostura, pois a escolha dos padrinhos do filho não foi feita buscando compadrios importantes, mas, vinculando mais, gente de sua família e próxima do seu coração.

.....

Não sei se meu avô trabalhou no Maranhão. No Ceará é certo que esteve estabelecido, pois lá casou e lá lhe nasceram vários filhos. Vindo de São Luiz para Fortaleza, deve ter se apresentado bem, dado boa conta de si e boa informação de sua gente, pois foi aceito para casamento numa família antiga, bem aparentada na província e politicamente atuante nesta como noutras do Norte e Nordeste do Império. De fato, minha avó, Dona Ana Cândida Pamplona, filha do tabelião Cândido José Pamplona, contava várias gerações de antepassados luso-cearenses, era irmã do Comendador Iclirérico Narbal Pamplona, deputado provincial, e sobrinha de Frederico Augusto Pamplona, também deputado provincial que presidiu não só sua província, como a do Rio Grande do Norte. Por sua mãe, Dona Maria de Barros Palácio, ela era bisneta do Mestre-de-Campo Pedro José da Costa Barros (chamado "o Velho", natural de Ponte de Lima, no Reino) e sobrinha-neta do Capitão-Mor Pedro José da Costa Barros, constituinte de 1823, primeiro presidente da província do Ceará, depois presidente da do Maranhão, Ministro de Estado, Oficial da Ordem do Cruzeiro, Cavaleiro da de Aviz e integrante do primeiro Senado brasileiro, onde sentou-se como Senador escolhido nas listas eleitorais pelo Imperador D. Pedro I, a 22 de janeiro de 1826.

.....
 No princípio de 1876, meus avós estavam novamente em Fortaleza e, a 18 de setembro desse ano, minha avó teve os gêmeos: Pedro José, que morreu com seis meses, a 17 de março de 1877, e José Pedro da Silva Nava - meu Pai. A 8 de outubro de 1877, outro menino que batizou-se em 28 de fevereiro de 1878, repetindo o nome de Pedro. Viveu cinco meses. Foi o último do Ceará, pois a caçula de meus avós, Maria Euzébia, veio à luz no Rio de Janeiro, à Rua Ipiranga, 61, no dia 25 de dezembro de 1879.

(NAVA, Pedro - in "Baú dos Ossos", 7a. edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984).

A CADEIRA Nº 30

O patrono desta Cadeira é o genealogista Jarbas Jayme, goiano de Pirenópolis, nascido a 19 de novembro de 1895.

Jarbas fez seus primeiros estudos em sua terra natal, completando-os, depois, em Ouro Fino, GO, no Seminário de Santa Cruz.

Começou sua vida como comerciante em Anápolis (1923), mas logo sentiu-se atraído pelo magistério secundário passando a lecionar na rede estadual. Foi um dos fundadores da extinta Escola Normal Padre Gonzaga, em Pirenópolis.

Exerceu, ainda, diversas funções públicas em seu Estado: procurador fiscal e coletor municipal, em Anápolis; secretário municipal e Prefeito, duas vezes, de Mataúna, hoje Palmeiras de Goiás, e chefe de polícia em Goiânia (1951-54). Militou também, ao longo de quase 40 anos, na imprensa goiana e do Triângulo Mineiro.

Era membro do IHG/GO e do Instituto Genealógico Brasileiro. Em 22.4.67 ingressou no CBG como sócio correspondente.

Além de inúmeros artigos na Revista Genealógica Brasileira, de que foi assíduo colaborador, publicou: "Cinco vultos meiapontenses"; "Do Passado ao Presente - Ensaio Genealógico"; "Vale Seis" (obra de crítica genealógica sobre as origens da família Fleuri); "Anedotário Meiapontense"; "Esboço Histórico de Pirenópolis" (2 vols.) e "Famílias Pirenopolinas" (obra póstuma, em 5 vols., onde traçou a genealogia de mais de cem famílias da região). Deixou inédita uma "História das Casas de Pirenópolis".

Faleceu em 21 de julho de 1968 em Anápolis, GO.

Seu nome, além de titular a Cadeira nº 30 do CBG, patrocina também a de nº 34 da Academia Goiânia de Letras.

O primeiro e único ocupante desta Cadeira até a presente data é o genealogista Arthur Virmond de Lacerda Neto.

Natural de Curitiba, PR, onde nasceu a 31 de maio de 1966, Arthur bacharelou-se em Direito pela Universidade Federal de Brasília (1989). É membro do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e do Centro Positivista do Paraná.

Ingressou no CBG em 13 de abril de 1989 e foi eleito titular em 30 de abril de 1990.

É autor dos seguintes trabalhos: "Excertos Genealógicos do Paraná" (1987) e "Um Italiano em Curitiba" (Genealogia da Família Costellano), no campo genealógico, e "O Magnífico Reitor" (biografia de Flávio S. de Lacerda) e "Aquila em que creio", no dos estudos gerais.

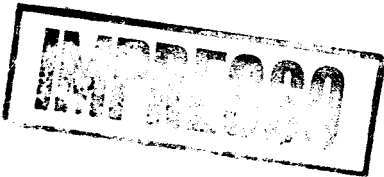
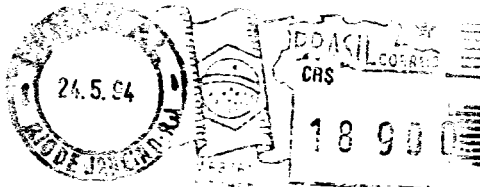
Arthur Virmond reside em Curitiba, PR.

NOTICIÁRIO

Acham-se abertas as subscrições para a edição do 4º e último fascículo do tomo III da obra "Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (séculos XVI e XVII)", de Carlos G. Rheingantz. Com ela resgata o Colégio sua dívida para com os genealogistas brasileiros, que há muito reclamavam a publicação de tal tomo. ** A Família Ribas realizou, em 19 de abril p. p., no Hotel Rio Palace, seu 1º Encontro, congregando cerca de 200 pessoas vindas do Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Três painéis heráldico-genealógicos de autoria de nosso confrade Carlos Eduardo Barata, e ilustrado com expressiva iconografia, decoravam o Salão de Convenções. O CBG esteve presente na pessoa de seu 1º Secretário, que dirigiu saudação aos convencionais, ressaltando o valor dos encontros de família para os estudos genealógicos. A história dos Ribas, foi, por sinal, o tema de nossa palestra de fevereiro, a cargo do Profº Antonio Flávio Ribas Maranhão, que veio de Pelotas, especialmente, para falar no CBG. ** Também em Petrópolis, o Clube 29 de Junho, vem organizando reuniões semelhantes - as chamadas "Familienfest" - com almoços de congregarmento dos descendentes dos primeiros colonos. O calendário de 94 prevê os seguintes encontros: Kling (24/4), Weyand (27/5), Schmidt (31/7), Sixel (28/8), Hees (25/9) e Wending (30/10), já se tendo realizado o de março com a família Grötz. A frente, nosso confrade Paulo Roberto Martins de Oliveira, para quem ficam nossos aplausos. ** Lançado, no último dia 5 de março, em Ribeirão Preto, SP, o esperado livro "A Família Arantes" - obra póstuma de nosso confrade Américo Arantes Pereira, ex-titular da Cadeira nº 24, em co-autoria com Arnaldo Arantes. ** Quem também lançou mais um volume de sua série "Documentos", foi nossa vice-presidente Frieda Wolff, desta feita cobrindo o judeu na topografia e toponímia do Brasil no século XIX e os recenseamentos demográficos oficiais deste século. É o 5º volume da citada coleção, escrito em parceria com o nosso saudoso confrade Egon Wolff. ** Notícia auspiciosa: a Bradesco Seguros S.A., empresa do Grupo Bradesco, doou ao CBG um computador marca Bont Well, tipo XT, Disco Rígido 30 MB. Com isto poderemos, afinal começar a informatizar nossa biblioteca e arquivo. Dois nomes, a propósito, merecem ser aqui especialmente citados: o dr. Ailton Luiz Reinert, diretor financeiro daquela empresa e que foi o nosso "padrinho" junto à Bradesco, e Nelson V. Pamplona, nosso confrade, que não se cansou de bater de porta em porta para conseguir essa doação. A eles - à Bradesco Seguros - o nosso muito obrigado. ** Attila Augusto Cruz Machado, ex-presidente do CBG e seu sócio titular, acaba de realizar um verdadeiro périplo genealógico, em busca de registros paroquiais: Barbacena, Tiradentes, São João del Rei, Prados, Lavras e Mariana. Genealogia é isto: pesquisa de campo. Viva o exemplo. ** Transcorreu no último dia 3 de março o centenário de nascimento de D. Laura de Oliveira Rodrigo Octávio, viúva de nosso 2º presidente, o historiador e acadêmico Rodrigo Octávio Filho. O CBG enviou mensagem de congratulações. ** "Nomear é socializar". Com este sugestivo título, nossa con sócia Miridan Brito Knox Falci publicou, no recém lançado volume 374 da Revista do IHGB, interessante estudo sobre os nomes de livres e escravos em Ceiros, PI. Sobre esse tema e suas ligações com a genealogia piauiense, ela falou também em nossa reunião de março, entusiasmando a todos pelo seu conhecimento das interações familiares naquele Estado. ** Três desfalques na paisagem humana da genealogia brasileira neste 1º trimestre de 94: Paulino Jacques, historiador e jurista, e autor de um estudo intitulado "Famílias Alegretenses"; Ney Schafflor de Melo, nosso colaborador em Brasília, e Luiz Sinões Lopes, notável homem público, fundador da DASP e da FGV e que na 1ª fase do CBG esteve entre os seus mantenedores. À missa de 7º dia deste último fez-se o Colégio presente na pessoa de seu titular J.F. de Assunção Santos. ** "Ruas do Rio - Caminhos da História" foi o tema da exposição realizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil neste 1º trimestre. Para ela colaborou o Colégio com dados de seu arquivo, através dos confrades Paulo Carneiro da Cunha e Karla Montenegro Masset, que por isto tiveram seus nomes incluídos nos agradecimentos daquele Centro. ** Para anotar: a Biblioteca Nacional guarda, em sua seção de manuscritos, sob o nº I,9,4,11, interessante códice sob o título de "Tábua genealógica da illustre casa de Pacheco e index das famílias e armas deste livro. 1770" (com diversas armas e escudos em aquarela). ** O 8º Colóquio Internacional de Heráldica, realizado no ano passado, em Canterbury, na Inglaterra, foi o tema do artigo publicado no jornal "A Tribuna", de Piracicaba, SP, por nosso confrade Francisco de Vasconcellos, de Petrópolis. É curioso observar, pelo que ele ali relata, que, enquanto na Europa os heraldistas cogitam até de um direito internacional heráldico e Artur Norton nosso correspondente em Portugal, se preocupa com o uso de armas de família em marcas comerciais e industriais, no Brasil a heráldica vai se tornando, cada vez mais, um artigo de comércio, oferecido a todos

como simples peça de adorno. Não será hora de se restabelecer o Colégio de Armas e Consulta Heráldica do Brasil, irmão-gêmeo do CBG? Com a palavra os nossos heraldistas. ** O recente lançamento, no Brasil, do livro "Cartas e esboços literários", de Julia Mann, tradução de Claudia Baungart, trouxe para o grande público uma informação que não é novidade para o CBG: a ascendência brasileira, pela linha materna, do celebre autor de "A Montanha Mágica". Nosso confrade Gilson Nazareth, com efeito, já há muito a havia registrado em artigo publicado no Boletim de IBRACIA, nº 9/10, julho a dezembro de 1979, sob o título "A parentela brasileira de Thomas Mann, filho de senhora angrense", existente em nossa biblioteca. ** Nosso correspondente português Carlos Miguel de Abreu de Lima de Araújo está fazendo uma pesquisa sobre os ascendentes e descendentes de José Inácio de Abreu e Lima, o Padre Roma, e seu filho, o General Abreu e Lima, companheiro de Bolívar na independência da Venezuela. Se alguém tiver informações úteis, favor enviar para Alameda das Linhas, 37, 1º andar, 1700 Lisboa. ** Quando fechávamos este boletim, recebemos a notícia de já se acharem no prelo os originais do livro "Os herdeiros do poder", de nosso confrade Francisco Antonio Dória, co-autorado por Carlos Eduardo Barata, Gilson Nazareth, Jorge Ricardo Almeida Fonseca e Ricardo Teles Araújo, sobre as relações de família e o poder do Brasil. Lançamento prometido para junho próximo. ** Jôia para 1994 (valores para liquidação no 2º trimestre): CR\$ 1.000,00. Anuidades de titulares, adjuntos e colaboradores residentes no Rio de Janeiro: CR\$ 1.000,00. Anuidade para colaboradores não residentes: CR\$ 500,00. Remessa por cheque cruzado, nominal ao Colégio.

Remetente: COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA
Av. Augusto Severo, 8 12º andar-parte
20.021-040 Rio de Janeiro RJ



OS ESTUDOS GENEALÓGICOS NA REVISTA DO IHGB

Victorino Chermont de Miranda

Fundado em 1838 para, dentre outros fins, "coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a História e Geografia do Brasil", o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro teve sempre presente o papel da Genealogia como ramo auxiliar da primeira daquelas ciências.

Sua Revista - lançada um ano depois e hoje a mais antiga publicação, no gênero, do mundo - abriga em suas páginas diversos estudos de alcance genealógico, seja em razão de sua própria metodologia, seja em função de dados históricos úteis a esse tipo de conhecimento.

Cumpre não esquecer, por outro lado, que foi nas páginas de tal Revista que vieram a lume as primeiras edições das duas principais obras da genealogia brasileira - a "Nobiliário da Arquia Paulistana, Histórica e Genealógica", de Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1969) e o "Catálogo Genealógico" de frei Antonio de Santa Maria Jabotão (1889), cobrindo as raízes paulistas e baiano-pernambucanas do Brasil-Colônia. O que, de resto, se compreende por se tratarem de documentos já então mais que centenários e inéditos, que por sua significação para o estudo de nossa formação social se encaixavam plenamente nos objetivos de estudo e divulgação perseguidos pelo Instituto. Citem-se ainda, os Anais de seus Congressos e Simpósios, onde também se encontram diversos estudos genealógicos, sendo o mais importante deles o clássico "Povoamento do Rio Grande de São Pedro - A contribuição da Colônia do Sacramento", de Carlos Rheingantz, por ocasião do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Colonização do Rio Grande (1976).

História e Genealogia, portanto, sempre andaram juntas no IHGB. Basta examinar, aliás, a nominata de seus membros no passado, para se ver o apreço com que sempre foram tidos, na Casa da Memória Nacional, os estudiosos das raízes brasileiras. Silva Leme, João Mendes de Almeida, Antonio Joaquim de Macedo Soares, Ricardo G. Daunt, Afonso Costa, Bulcão Sobrinho, Guerreiro de Castro e Carlos Rheingantz - para citar apenas alguns dos diretamente ligados à atividade genealógica e já falecidos - nela figuraram.

Mas como são acontecidos em matéria de publicações de periódicos, acabam elas ficando diluídas no conjunto da obra, não logrando, o mais das vezes, sequer ser resgatadas quando se trata de inventariar a bibliografia de seus autores.

Eis por que nos propusemos levantar, nas páginas daquela Revista, os artigos que direta ou indiretamente tratam de genealogia sob a forma de ensaios, resenhas familiares e levantamento de costados, e até um que outro estudo sobre o povoamento de cidades ou regiões (*), deixando de lado, por sua extensão, as biografias, onde por certo há também material genealógico a extrair. E o resultado é surpreendente, como se verá adiante, ora revelando nomes de historiadores consagrados como Manoel Barata, Pedro Calmon e Walter Spalding, ora apresentando trabalhos de grandes genealogistas como A.J. de Macedo Soares, Afonso Costa e Horácio Rodrigues da Costa.

Alguns desses volumes ainda se acham disponíveis naquela Casa, possibilitando aos interessados organizar com os artigos em causa, ou parte deles, uma coletânea. Como, aliás, nós mesmos o fizemos para o CBG.

É a seguinte a relação dos trabalhos ali encontrados, salvo erro ou omissão: (1) Excertos - De várias listas de condenados pela Inquisição de Lisboa, desde o ano de 1711 ao de 1767, compreendendo só os brasileiros ou colonos estabelecidos no Brasil (oferecido ao IHGB por F.A. Varnhagen) - tomo VII, 1845; (2) Breve notícia sobre a colônia dos suíços fundada em Nova Friburgo, de Tomé Maria da Fonseca Silva - tomo XII, 1849; (3) Cópia fiel do título de Taques Pompeo, que fez Pedro Taques de Almeida Paes Leme, pelo ano de 1763 e que se acham em poder de João Pereira Ramos d'Azeredo Coutinho - tomo XVIII, 1855; (4) Nobiliário Paulistano. Genealogia das principais famílias de São Paulo, coligida pelas infatigáveis diligências do distinto paulista Pedro Taques de Almeida Paes Leme - vols. 38, 1869 e 40/44, 1870-72; (5) Apontamentos biográficos da família Braz Carneiro Leão do Rio de Janeiro, do Conde de Baependi - vol. 61, 1880; (6) Assento de Batismo: Padre Diogo Antonio de Feijó - vol. 70, 1885; (7) Amador Bueno: memória pelo Dr. Moreira de Azevedo - vol. 75, 1887; (8) Genealogia Paulista - Carta de Ricardo G. Daunt e transcrição de manuscrito de 1603 intitulado "Explicação da geração de Pedro Afonso, da povoação de Santo André, donde povoaram a de São Paulo, que primeiro tiveram os homens que vieram povoar, os quais se casaram nas aldeias com as filhas dos principais - vol.

(*) Foram listadas também transcrições de documentos e certidões.

77. 1888; (9) Assento de óbito de José Bonifácio na Igreja do Carmo da Corte - vol. 78, 1888; (10) Catálogo Genealógico das principais famílias que procederam de Albuquerque e Cavalcantes em Pernambuco, e Caramurus na Bahia, de frei Antonio de Santa Maria Jaboa-tão - vol. 79, 1889; (11) Nota Aditiva ao "Catálogo Genealógico", vol. 79, 1889; (12) De poimento para o casamento de Tomas Antonio Gonzaga (Dirceu) - vol. 85, 1892; (13) Testa-mento e certidão de óbito de Paulo Rodrigues Durao, pai de frei José de Santa Rita Du-ção, autor do poema Caramuru, vol. 95, 1897; (14) Subsídios para a história da Provín-cia do Paraná - Município do Campo Largo até 1887, de Antonio Joaquim de Macedo Soares (com a genealogia das principais famílias locais) - vol. 102, 1902; (15) A Capitania do Camutã, de Manoel de Mello Cardoso Barata (com dados genealógicos sobre a família Coelho de Carvalho, do Pará) - vol. 114, 1906; (16) Val-de-Caens, idem (com notas genealógicas sobre a família Lameira de Franca, do Pará) - vol. 117, 1908; (17) Uma fazenda históri-ca - Borda do Campo - o Inconfidente José Aires Gomes, de José Bonifacio de Andrade e Silva (com dados genealógicos sobre o referido) - vol. 120, 1909; (18) Apontamentos ge-nealógicos da família Andrada, idem - vol. 127, 1913; (19) O Estabelecimento de Mazagao do Grao-Pará - Códice da Biblioteca e Arquivo Público do Pará (com dados biográficos dos colonos vindos da África portuguesa, em 1769) - vol. 138, 1918; (20) Apontamentos para as Efenérides Paraenses, de Manoel de Mello Cardoso Barata (com dados genealógicos sobre numerosas famílias do Pará-Colonial) - vol. 144, 1921; (21) Notas sobre o judaísmo e a In-quisição no Brasil, de João Lucio de Azevedo - vol. 145, 1922; (22) Nobiliarquia Paulista na, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, 2a. edição, acrescida de uma parte inédita, com uma biografia de seu autor e estudo crítico de sua obra por Afonso d'Escragnoille Tau-nay e nota introdutória de Augusto de Siqueira Cardoso - tomo especial, vol. I, 1926; (23) Genealogia Bahiana ou o Catálogo Genealógico de frei Antonio de S. Maria Jaboação, adap-tado e desenvolvido por Afonso Costa - vol. 191, 1946; (24) Monizes da Bahia, idem - vol. 210, 1951; (25) O Segundo Ramo da Casa Imperial e a nossa Marinha de Guerra, de Clado Ri-beiro Lessa (com a genealogia dos Duques de Saxe) - vol. 211, 1951; (26) Genealogia da Família d'Escragnoille (França-Brasil), de Luiz Afonso d'Escragnoille - vol. 235, 1957; (27) As terras dos Guedes de Brito nas Minas Gerais, de Miguel Costa Filho (com dados genealó-gicos sobre o mestre de campo Antonio Guedes) - vol. 241, 1958; (28) Genealogia Brasilei-ra - A Família Muniz Barreto, de Orlando Guerreiro de Castro - vol. 247, 1960; (29) Os A-botts no Rio Grande do Sul, de Walter Spalding, vol. 266, 1965; (30) Naturalizações: 1833 a 1864 em Porto Alegre, idem - vol. 269, 1965; (31) Genealogia, de Americo J. Lacombe (dis curso de recepção a Carlos Rheingantz, no IHGB) - vol. 281, 1968; (32) Um passeio no Rio An-tigo, de Carlos Rheingantz (conferência de posse no IHGB, com dados sobre antigas famí-lias do Rio de Janeiro) - vol. 281, 1968; (33) Academia do Paraíso e Morgadio de Turissa-ca, de Joaquim de Souza Leão Filho (com notas genealógicas sobre Joao Paes Barreto e ou-tros) - vol. 282, 1969; (34) A vida do Rio de Janeiro através dos testamentos: 1815-1822, de Rui Vieira da Cunha - vol. 282, 1969; (35) Luiz Aleixo Boulanger, o escrívão dos bra-sões, de Paulo Braga de Menezes - vol. 291, 1971; (36) Dados sobre a origem do patrimônio da Família Leitão de Carvalho, de Estevão Leitão de Carvalho - vol. 291, 1971; (37) Os Se-nhores de engenho de Mataripe (apontamentos à margem), de Pedro Calmon (com dados genea-lógicos sobre Francisco Barreto de Menezes) - vol. 297, 1972; (38) João Pereira de Souza (capitão-mor de São Vicente), de Horácio Rodrigues da Costa - vol. 300, 1973; (39) Os colo-nos de Schaeffer em Nova Friburgo, de José Antonio Soares de Souza - vol. 310, 1976; (40) Igreja e Estado cooperando na conservação dos valores histórico-artísticos, de Mons. Gui-lherme Schubert (contém o inventário dos livros do Arquivo da Câmara Eclesiástica do Arcebispo do Rio de Janeiro) - vol. 313, 1977; (41) A Família Imperial, de Lourenço Luiz Lacombe - vol. 314, 1977; (42) A ascendência portuguesa do Presidente Afonso Pena, do Ba-rão de Ribeira de Pena - vol. 320, 1978; (43) A estrada da Serra da Estrela e os colonos alemães, de José Antonio Soares de Souza - vol. 322, 1979; (44) A fazenda da Piedade - A fazenda do Barão de Pati do Alferes, de Francisco de Paula e Azevedo Pondé (com dados ge-nealógicos sobre a Família Lacerda Werneck) - vol. 327, 1980; (45) Egas Muniz e seus des-cendentes no Brasil, de Pedro Calmon - vol. 327, 1980; (46) Ainda os colonos de Schaeffer em Nova Friburgo, de José Antonio Soares de Souza - vol. 329, 1980; (47) A Colônia Leopoldina - Franckental na Bahia Meridional - Uma colônia européia de plantadores no Brasil, de Carlos H. Oberacker Jr. - vols. 354/57, 1987 e (48) Nomear e socializar: estudo dos no-mes e prenomes entre os livres e escravos de Oeiras, Piauí (1872), de Miridan Brito Knox Falci (com indicações genealógicas sobre as famílias do Piauí) - vol. 374, 1992.